

JÔ SOARES

E MATINAS SUZUKI JR.

APRESENTAM

O LIVRO DE JÔ

UMA AUTOBIOGRAFIA DESAUTORIZADA

VOLUME 2



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Jô Soares

Por se tratar de uma obra de memórias, em várias passagens este livro reproduz um vocabulário de época que precisa ser considerado em seu contexto histórico.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico
Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa
Zé Pinto/ Abril Comunicações s/A

Fotos de guarda
Chico Albuquerque/ Convênio Museu da Imagem e do Som-sp/
Instituto Moreira Salles
Marcos Vilas Boas

Foto de quarta capa
Paulo Vitale

Cadernos de fotos
Joana Figueiredo

Preparação
Márcia Copola
Ciça Caropreso

Checagem
Érico Melo

Índice onomástico
Luciano Marchiori

Revisão
Huendel Viana e Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Soares, Jô

O livro de Jô : Uma autobiografia desautorizada : volume 2 /
Jô Soares e Matinas Suzuki Jr. apresentam. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2018.

Seqüência de: O livro de Jô : volume 1.
ISBN 978-85-359-3175-4

1. Apresentadores (Teatro, televisão etc.) – Brasil – Biografia
2. Soares, Jô, 1938- I. Suzuki Junior, Matinas. II. Título.

18-21146

CDD-927.9145

Índice para catálogo sistemático:

1. Apresentadores de programas : Televisão : Biografia 927.9145

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para a Flavinha

*O elevador parou no oitavo andar do Bristol Plaza,
na esquina da rua 65 com a Terceira Avenida, em
Nova York. Respeitosamente, eu disse ao magnífico
ator britânico Kenneth Branagh:*

— After you, Sir.

*Ele me olhou com seus olhos de um azul profundo e
respondeu:*

*— No, no, no. After you, Sir. Comedy always
before tragedy.*

Sumário

O LIVRO DE JÔ, 11

Agradecimentos, 311

Bibliografia, 313

Créditos das imagens, 316

Índice remissivo, 319

O LIVRO DE JÔ

I

Em 1968, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni (pra mim, Bonifácio), me convidou para uma conversa na Globo, que ficava na rua das Palmeiras, no bairro de Santa Cecília, perto do centro de São Paulo. A emissora começara a operar na capital no ano anterior, quando adquiriu a TV Paulista, a menor das estações da cidade, da Organização Victor Costa. Boni tinha planos pra mudar os programas humorísticos na televisão brasileira — herdeiros em grande parte daqueles do período de ouro do rádio, dos teatros de revista da praça Tiradentes e do ciclo das chanchadas da Atlântida. Batemos um ótimo papo. No fim, ele me perguntou:

— Então, Jô, começamos em janeiro?

— Sim, só posso mesmo depois do final do ano, porque eu tenho contrato com a Record até lá.

— Você mandou alguma carta ao Paulinho [Machado de Carvalho] dizendo que não vai renovar o contrato?

— Não, porque ele sempre me disse que esse negócio de carta não existia entre nós, não tinha a menor necessidade.

“Carta”, no linguajar da época, era o aviso com antecedência de que o artista não pretendia renovar o contrato com a emissora. Não se tratava de um negócio levado a ferro e fogo, as relações até

então funcionavam amadoristicamente. Eu procurei o Paulinho e disse:

— Olha, não vou renovar com a Record. Esse ano é o último aqui porque eu tenho uma proposta irrecusável da Globo.

— Mas você nos mandou alguma carta com seis meses de antecedência avisando que não continuaria conosco?

— Não, não mandei: vocês sempre disseram que não precisava.

— Nós dizemos que não precisa quando não temos mais interesse no artista. Mas, no seu caso, nós temos interesse e é claro que a gente não vai deixar você sair.

Que remédio senão contar tudo pro Boni?

Ele me disse:

— Eu te falei que não deixariam você sair de uma hora pra outra.

A *Família Trapo* ainda dava muita audiência e minha contribuição continuava a ser importante pra Record. Achava que seria mais fácil mudar de emissora, mas estava sendo ingênuo. Enviei a carta no meio de 1969, e no fim do ano estava livre para ir trabalhar no canal carioca. Quem ficou bastante sentido comigo foi o irmão do Paulinho, o Tuta Machado de Carvalho, da minha querida e hiperinventiva Equipe A. Uma noite, fui à casa dele a fim de tentar pôr as coisas em pratos limpos. Eu disse:

— Tuta, eu peço desculpas se te magoei ou se você ficou com a impressão de que estou traindo a Record. É uma decisão de mudança de vida. Se ela te ofendeu, eu peço desculpas. “Perdoai as nossas ofensas”, como se diz na oração.

Nos reconciliamos naquela mesma noite. Nunca deixei de reconhecer a importância que a Record teve no lançamento da minha carreira e sempre fui grato pelo tratamento fraternal que a família Machado de Carvalho me dedicou. Mas não era uma questão de dinheiro, apenas. Eu intuía que o novo em humorismo televisivo, a partir daquele momento, seria feito pela turma que estava se formando no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. No

mundo do espetáculo, nós precisamos nos renovar sempre. A repetição é quase sempre o fim do artista, sobretudo do humorista. A ideia era fazer um programa de humor juntamente com o fantástico comediante e escritor Renato Corte Real.

Graças a um desses raios eletrizantes de criatividade que, de quando em quando, cai trovejando e faiscando de talento num único projeto, o Boni, o Walter Clark e o Joseph Wallach, apoiados pela visão empresarial de Roberto Marinho, inauguraram uma nova era na televisão brasileira. A estreia do *Jornal Nacional*, em 1º de setembro de 1969, marcaria o início da emissora carioca como a primeira grande rede nacional de tv e como a responsável pelo formato de programação horizontal fixa para o chamado “horário nobre”, que o Brasil inteiro passaria a saber de cor e salteado: novela + *Jornal Nacional* + novela + uma atração de variedades ou de jornalismo. Desde então, não só a televisão não seria mais a mesma; o país não seria mais o mesmo.

Em 1967, o Walter Clark levou o Boni para ser diretor de programação da Globo. Bonifácio nasceu em Osasco (sp), Walter nasceu em São Paulo mas foi menino pro Rio. Eles tinham menos de oito meses de diferença de idade, trabalharam juntos no período glorioso e breve da tv Rio, eram amigos e parceiros agora no maior empreendimento na área de mídia e comunicação do século xx brasileiro. Um dos segredos do Walter Clark para fazer o sucesso da tv Rio foi ter dado proeminência aos programas de humor. Nesse ponto, o Boni era seu companheiro ideal, uma vez que ele também sabia como poucos da importância do riso na conquista de audiência, em pleno período de formação da nossa televisão. Aliás, o humor foi tão fundamental na história da tv que o comediante americano Milton Berle, conhecido como Mr. Television por ter sido, nas décadas de 1940 e 1950, o primeiro grande êxito do veículo nos Estados Unidos, chegava a dar oitenta pontos de audiência nas noites de terça-feira. Para não perdê-lo, a rede

NBC fez um contrato astronômico na época, de 200 mil dólares por ano durante trinta anos!

Dois comediantes ajudaram muito a dupla Clark-Boni: o genial Chico Anysio, um dos pioneiros no uso dos recursos do videoteipe, e a impagável Dercy Gonçalves. Dercy, que morreu com 101 anos, ficou amiga do Bonifácio para o resto da vida, e ele sempre foi grato à humorista. Tendo fugido ainda adolescente da casa dos pais em Santa Maria Madalena, no estado do Rio, para se juntar a uma trupe de circo mambembe, Dolores Gonçalves Costa estrelava dois programas no auge da tv Excelsior, no início da década de 1960: *Vovô Deville*, no qual reencarnava satiricamente personagens femininos históricos como Chapeuzinho Vermelho, Cleópatra, Lucrecia Borgia, a Julieta Capuleto de Shakespeare, e *Dercy Beaucoup*, com textos especialmente escritos pra ela. Walter e Bonifácio, resolvidos a levá-la para a tv Rio, deram um pulo no apartamento em que a artista morava com o advogado e especialista em direitos autorais David Raw, em Copacabana, na rua Tonelero, 180 (tratava-se do mesmo prédio em frente ao qual, na madrugada de 5 de agosto de 1954, ocorreu o atentado contra o jornalista e então candidato a deputado Carlos Lacerda, fato que precipitou a crise que levaria Getúlio ao suicídio). Quem também morava na mesma rua, e posteriormente foi diretor do jornalismo da Globo, era o meu grande amigo Armando Nogueira, uma das únicas testemunhas do atentado.

Voltando à Dercy. Sua primeira pergunta foi:

— Quanto é que eu levo nisso?

No fundo, a comediante não queria sair da tv Excelsior: tinha ótima audiência, era paparicada como uma rainha (ela, que ralou muito para chegar ao topo, ficava feliz com esse tipo de tratamento) e adorava o diretor de seus programas, Carlos Manga. Diga-se de passagem, naquela época, ainda antes do regime militar, muitas das falas e gestos de Dercy já sofriam cortes por parte do Serviço de Censura de Diversões Públicas. Mas o Walter e o

Boni tinham bons projetos e acabaram convencendo-a a trocar de canal. Acertaram um salário maior que o da Excelsior e, como Dercy alegava estar à beira da exaustão de tanto trabalhar, ofereceram ao casal uma viagem de férias ao México e aos EUA.

Uma das primeiras grandes ideias do Bonifácio na TV Rio, em 1964, foi a de adaptar pra televisão a novela *O direito de nascer*, que havia feito um estrondoso sucesso no Brasil (e em toda a América Latina) em 1951 e 1952, quando seus longuíssimos 314 capítulos foram veiculados pelas ondas curtas da Rádio Nacional, com sede no Rio de Janeiro. Para transformar o dramalhão em telenovela, ele precisava da autorização de seu autor, o cubano Félix Caignet, então morando no México. Caignet — que foi jornalista, pintor, poeta, crítico de teatro, criador de histórias infantis, radialista, autor de textos para o rádio, compositor e, ufa!, cantor, e que chegou a fazer duetos com a mais famosa cantora e atriz cubana da primeira metade do século passado, a diva Rita Montaner, chamada de La Única — nunca escondeu que sua principal habilidade era fazer a audiência chorar. A frase dele mais conhecida é: “As pessoas sempre querem chorar. O que eu faço é lhes dar um motivo para isso”.

O escritor e jornalista colombiano Gabriel García Márquez, prêmio Nobel de literatura de 1982, confessa em *Viver para contar* que, quando foi vendedor porta a porta de enciclopédias e livros técnicos da editora González Porto, sua vida estava tão difícil que “a única coisa que devolveu meu sossego foram os amores contrariados de *O direito de nascer*, a radionovela de dom Félix B. Caignet, cujo impacto popular reviveu minhas velhas esperanças com a literatura de lágrimas”. O autor cubano foi localizado no México pelo Boni, que ligou pra ele e disse que queria adaptar seu texto para a TV brasileira. Segundo o próprio Boni, Caignet lhe respondeu:

— O problema são os impostos. Sou cubano e metade do dinheiro vai ficar com o governo mexicano. Eu faço um contrato por um preço e você me paga o resto por fora em dinheiro vivo.